



Evento	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	A escrita como tecitura na pratica docente
Autores	CARLA GARCIA BOTTEGA GISLEI DOMINGAS ROMANZINI LAZZAROTTO PAULA MARQUES DA SILVA
Orientador	ALVARO ROBERTO CRESPO MERLO

No trabalho docente, envolvendo a experiência de professoras e doutorandas em prática de ensino, construiu-se a possibilidade junto aos discentes de fazer uso da escrita como potente ferramenta de formação. A confecção/elaboração de diários de campo, memoriais e portfólios, tem ultrapassado a função de registro, transformando-se em instrumento reflexivo sobre os processos de escolha profissional, as práticas de estágios e as implicações com o aprendizado curricular, produzindo um exercício sobre o vivido no transcorrer de semestres que vislumbra o porvir de uma inserção profissional.

A riqueza da multiplicidade presente nas escritas e a possibilidade dos registros serem compartilhados coletivamente entre os pares, com questões/experiências muitas vezes semelhantes e comuns, reaviva a implicação do escrevente/escritor com a sua produção que enuncia o processo de formação. O que poderia ser apenas uma atividade para uma disciplina, envolve docentes e discentes na medida em que convoca a todos como parceiros/cúmplices de uma produção que quando enunciada diz de um coletivo. Propomos discutir o uso de memorial como forma de constituir um dispositivo de formação

Em nossa experiência esta modalidade de escrita foi proposta em diferentes momentos da formação de cursos de graduação (Psicologia, Serviço Social e Saúde Coletiva): início de curso, no meio do percurso em fase de escolha de práticas de estágio, na finalização. As disciplinas em que utilizamos deste recurso envolvem seminários de integração, estágios, ética profissional, entre outras.

Destacamos, neste relato, a experiência com a utilização de memoriais nas etapas iniciais da graduação, quando o estudante está confrontando suas expectativas com a experiência da vida universitária e o curso de graduação escolhido. De que se trata um memorial nesta proposta? Constitui a tarefa de escrever a história do que levou o estudante a escolher este curso e de como esta acontecendo a experiência inicial no percurso. Neste sentido é comum a pergunta “desde quando” escrever, evidenciando a noção de tempo na construção do sentido de revisitar memórias. Escolhemos como pista orientadora que o escrever seja guiado mais pelo significado da experiência vivida, do que pela descrição de uma cronologia dos fatos, sendo incentivado a escolha do estilo da escrita pelo estudante, podendo acessar marcas desta história que podem compor o memorial, como imagens, poesias, músicas, acontecimentos. Seguimos o pensamento de Zanella (2012, p. 89), que nos coloca “Tal a firmação se assenta na compreensão de que escrever não significa simplesmente transpor para a tela do computador um pensamento prévio: ao simplesmente transpor para a tela do computador um pensamento prévio: ao escrever os pensamentos se (trans)formam e, nesse movimento, transforma-se o próprio escritor, seus pensamentos, suas emoções e sua condição axiológica”.

A entrega é individual, sendo que antes de chegar ao docente é propiciado um momento em pequenos grupos onde são relatadas as experiências de escrita, podendo ser construído um texto comum sobre semelhanças e diferenças encontradas, o que é socializado com o grande grupo. Ao professor cabe a leitura de todos os memoriais, uma escrita de interlocução com o estudante podendo ainda compor um texto mosaico do conjunto dos memoriais. Este processo permite criar três linhas de análise do processo de formação: do estudante consigo, entre estudantes, entre estudante e professor, e ainda, pode ser ampliado com reflexões sobre o curso que envolvem outros docentes e instâncias de discussão da pedagógica. Incentivados pelos colegas e docentes, apresentaram cadernos, pastas, cartas, fotografias legendadas, entre outros, todos os registros em papel. Interessante também que muitos optaram pelo manuscrito, coisa que há muito não exercitavam. Independente da forma, o registro escrito, sua possibilidade de leitura, releitura e também reescrita, têm trazido uma outra dimensão do que pode despertar/desencadear um trabalho acadêmico.

Nossa proposta tem sido orientada pela noção de escrita implicada proposta por Hess e Weigand (2006, p.16), “A escrita implicada, capta, no dia-a-dia, as percepções, as experiências vividas, os diálogos, mas também as sobras do concebido que emergem. Com certo distanciamento, a releitura dessas escritas é um modo de reflexividade cujo critério é sempre a questão da congruência”.

Referências

HESS, Remi; WEIGAND, Gabriele. **A Escrita Implicada**. Revista Reflexões e Debates, São Paulo, n. 11, p. 14-25, abr. 2006.
ZANELLA, Andrea V. **Escrever**. In: Pesquisar na diferença: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012.